

O DESPERTAR DO SINTOMA E AS DISTORÇÕES DA MODERNIDADE

GUY DANA

Como o homem pode ser o sujeito de uma linguagem que há milênios, formou-se sem ele, cujo sistema lhe escapa, cujo sentido dorme de um sono quase invencível nas palavras que ele faz um instante cintilar pelo som do discurso, e no interior do qual ele está, desde o início, obrigado a abrigar a sua palavra e o seu pensamento, como se ele não fizesse nada de mais que animar durante um tempo um segmento sobre essa trama de possibilidades inumeráveis ?

Michel FOUCAULT

I - O QUE SE PASSA NO ÂMAGO DA PALAVRA ?

Se nós convirmos em primeiro lugar que a travessia analítica aumenta a sensibilidade, é com a idéia diretiva que o trabalho analítico modifica o entendimento, e gera uma disponibilidade, em particular sobre a maneira pela qual se disem as coisas, em favor dos deslocamentos que se produzem no âmago da palavra. Pode-se sustentar que a sensibilidade e a disponibilidade aumentam no tempo *do após*, onde, antes, as reminiscências faziam o leito do sintoma mantendo o sujeito em uma forma de captividade.

Esse despertar que somente a psicanálise suscita é precioso para interrogar os efeitos da modernidade e da pós-modernidade sobre a linguagem e sobre a transmissão.

Parem o mundo, eu quero descer ! mas podemos, rindo francamente, apropriarmo-nos esta tirada espirituosa de Obaldia ? E de qualquer maneira a entonação adequada ao mundo em seu curso ? É a este propósito, qual entonação os analistas devem adotar eles que não tem, à priori, nenhuma concepção do mundo ? É preciso extasiar admirativos, imitar os Cassandre ou ainda ser a cólera

como era Charles Péguy ? De outra forma qual postura para os analistas quando eles se demarcam da posição de perito e que se trata de defender in fine com o método analítico ?

Na França, foi o filósofo Jean-François Lyotard quem popularizou a noção de pós-modernidade que se observa originariamente nos arquitetos americanos e críticos de arte. E a conhecida corrente de ideais do *any thing goes* onde a queda dos ideais é contemporânea de uma fragilidade do limite ou de uma falha da censura entre o que se diz e o que não se diz, entre o que se mostra e o que não se mostra ; ora, ao mesmo tempo no fio desta tendência à equivalência na qual a anulação recíproca era adotada, ao contrário, a idéia de um dever de memória ; pode-se remarcar também essa ascensão crescente ao poder do jurídico na colocação em evidência da democracia onde, há alguns anos, era a política que propulsava essa democracia : como se os sintomas desta modernidade atingissem de uma forma geral à transmissão e que fosse preciso suprir através de recursos que nada mais é que sublinhar essa fragilidade.

Entretanto a hipótese inicial persiste : não seríamos mais sensíveis à essas questões e aos efeitos da modernidade sobre a linguagem em razão da travessia analítica e do entendimento que esta travessia produz ?

É que esse discurso que podemos qualificar de técnico-cientista é o avesso do discurso analítico : ele atinge a narração como o testemunho e mesmo a experiência no sentido de uma prova que passa pela palavra é desvalorizada ; por outro lado, os referentes na língua, os transmissores em um certo sentido tem aqui muito menos importância. Quanto à dimensão metáfora-metonímica da linguagem, ela se tornou caduca ; haveria como um objeto sem fundo ou ainda objeto nenhum. Em suma, se tivéssemos de resumir essas pragas insidiosas que minam a linguagem nas suas funções de transmissão, selecionaríamos quatro ; a saber :

- 1°) A fragmentação
- 2°) A dissociação
- 3°) A transparência
- 4°) A adequação ou o império do mensurável.

Ora, nessas quatro possibilidades, são os avatares da transmissão que nos concernem diretamente como se a questão subjacente a esta infusão da língua na modernidade ou ainda este efeito de corrosão da palavra e da linguagem pela modernidade seria o risco de um desperdício da aura creativa, um desperdício dos referentes na linguagem como se o poder de simbolização a partir do real acabasse caindo.

Assim, quando Jacques Derrida interroga os psicanalistas sobre as noções de crueldade e de soberania e lhes pede de ir mais longe na explicitação desses conceitos, poderíamos invertendo os propósitos, interrogar a crueldade que circunda a psicanálise em consequência da fragilidade de sua aplicação, das precauções que precisamos tomar para garantir as aquisições, e isso apesar do exagêro da mediatisação. Nesse caso, devemos tentar refletir porque a modernidade que nos conhecemos acentua uma fragilidade intrínseca à psicanálise, ao manejo dos seus materiais, palavra e linguagem, assim que a tensão deste saber particular que é o saber do inconsciente.

Não devemos, hoje particularmente, mostrar o desvio entre o que é a psicanálise e essas formas de discurso sem eco que funcionam sobre os engodos da adequação e cuja *crueldade* poderíamos dizer consiste à nos fazer tomar gato por lebre ?

Tentamos através de algumas situações clínicas de sublinhar os riscos em termos de método que a psicanálise defende em relação ao sintoma enquanto que se revelam ao mesmo tempo os sintomas da modernidade.

A – A FRAGMENTAÇÃO

Poderíamos qualificar o fenômeno de fragmentação como aquele do reino dos enunciados, fenômeno que ilustra em uma aplicação exagerada o DSM4.

O DSM4 é não sómente um insulto à história do sujeito, à noção « d'après-coup », à historicidade, mas o DSM4 testemunha de uma fragmentação que não cessou de mudar de alvo como se precisamente era preciso mirar e atingir o sintoma

em função de sua evolução. É bem evidente que é preciso reintegrar no contexto da mundialização das trocas e do saber, este fenômeno da fragmentação que reduz a clínica à um catálogo.

O primeiro esboço do DSM4 data de 1952, na época a histeria como a psicose esquizofrênica ainda eram mencionadas. Pouco à pouco, o DSM4 revelou a natureza comportamentalista da sua classificação que a fragmentação sublinha e cuja evicção do sujeito é o sintoma dominante. É neste espírito que foi concebido um monstro de pura técnica, o PMSI que retoma as mesmas noções sob o ângulo do mensurável. Tudo o que fazia a riqueza da clínica de Esquirol à De Clérambault será reduzida à enunciados-alvos, segundo os critérios contáveis que fazem violência ao discernimento, à escuta e à uma clínica da alteridade.

Não vamos nos enganar, trata-se de uma forma de negação que devasta a clínica psiquiátrica e que produz efeitos preocupantes sobre as práticas.

B - A DISSOCIAÇÃO

A questão da dissociação é mais complexa a analisar porque a sociedade se encontra em profunda mutação, em particular em relação a tudo que envolve a família. As famílias monoparentais ou multifocais são atualmente a ilustração com o que se introduz de dissociativo entre filiação, reprodução e relação sexual e costumes. Dissociação que as técnicas de procriação assistida ajudaram à concretizar. Se a família paternalista esta atualmente destituída de suas prerogativas, ela parece estar sendo substituída por um movimento que privilegia a identidade, qualquer que seja essa identidade reforça, ainda mais essa mesma dissociação.

Não se trata para os psicanalistas de assumir posições retrógradas mas simplesmente de tentar antecipar sobre as novas problemáticas. Nos Estados Unidos, como lembrou recentemente Geneviève DELAISI DE PARSEVAL, um casal que adota, cujo pai e mãe adotivos seriam igualmente confrontados à uma esterilidade, poderiam ter recurso para a gravidez à duas mulheres, uma doadora de ovócitos, a outra portadora com um doador de esperma anônimo para a paternidade biológica.

Nos Estados Unidos, os pais que adotam são uma categoria que tem suas prerrogativas, e « aquele que adota » se transforma em identidade. De uma maneira geral todo comportamento, o que aliás reúne o fenômeno de fragmentação, todo comportamento faz identidade. Coloca-se também o problema da homoparentalidade que interroga entre outras multiplas questões os psicanalistas através dos fenômenos de co-paternidade e de multi-paternidade porque os referentes na língua ainda não são assegurados. Sem querer diabolizar nem a ciência nem os novos comportamentos, os analistas devem se introduzir no âmago do discurso que traz essas mudanças, porque não se pode dizer que essas mutações dos costumes e na evolução das sociedades que são em parte devedoras aos avanços científicos não tem efeitos no plano da linguagem sobre a maneira particular pela qual o saber do inconsciente testemunha.

A psicanálise sempre obteve um avanço sobre a dissociação, porque há muito tempo dissociou por exemplo, filiação e sexualidade. Todas essas questões podem ser antecipadas na travessia analítica, embora atualmente é uma forma de realização a qual nos confrontamos, ou seja que a ciência realizou o que a psicanálise já sabia, sabia no sentido de um saber não formal e isto é um dado novo, ou seja a concretização da dissociação que coloca o problema do movimento dos referentes, do deslocamento da noção de semblante ou de sua alteração. Como se a queda dos ideais, fenômeno genérico que descreve Jean-François Lyotard no pós-modernismo, rendia os objetos excessivamente reais. Ou seja, esse saber não formal, impronunciável pode-se dizer que vetoriza a ordem dos gozos, mas com a qual se elabora também a noção nome do pai ou ainda a interdição do incesto, enfim esse saber não formal se encontra desconsiderado não somente nos seus efeitos, mas igualmente nos seus fundamentos.

Com a dissociação coloca-se fundamentalmente o problema dos referentes, do papel determinante que eles tem na filiação, e a amplitude que lhe é dada na língua parece diminuir ou se deslocar. Não se trata somente de interrogar esse transmissor que é o nome do pai, trata-se também de qualquer coisa que poderíamos qualificar de um distúrbio no Outro, tesouro de significantes mas também lugar terceiro e artesão da distância na medida que se serve precisamente para afastar uma sociedade dominada pelos conceitos concretos, funcionais fazendo o inventário dos comportamentos.

Se Lacan distingue entre o logrado (política do avestruz, que poderia ser aquela do neurótico em geral) e aquela outra posição subjetiva que seria a de não ser logrado, é claro que a modernidade atual teria tendência à ir desse lado. Ou seja também do lado da errância.

A tarefa dos analistas seria de repensar o simbólico, ou ao contrário, de reconstruir o imaginário ou ao menos do vínculo e do comentário eu deixo essa questão em suspenso ; poderíamos todavia responder com prudência que não se trataria de construir o imaginário (vasto programa !) mas de refletir às condições da sua captura face à um real que se desloca.

C – A TRANSPARÊNCIA

Esse conceito de transparência aparece aqui e ali como a quintessência das relações sociais, se apresenta também como uma forma perniciosa de negação ; é à evidência uma negação do inconsciente porque se encontra anulado o meio da linguagem que, precisamente faz ruptura com o especular permitindo ao sujeito de romper a relação de exclusão paranóica, é o « sou eu ou ele » que LACAN descreveu tão bem no artigo sobre a família.

É o sucesso que essa noção de transparência tem nas nossas sociedades não deve fazer esquecer que essa noção nos vem da Glasnost contemporânea de Gorbatchev e da União Soviética em decomposição, como havia lembrado Nathalie Zaltzman durante um colóquio.

Esse conceito de transparência se opõe ponto por ponto ao saber inacabado com o qual Freud nos ensina à compor. Seria suficiente evocar aqui o primeiro capítulo de malestar na civilização, na qual, depois de uma comparação com as ruínas romanas, Freud nos diz que tudo é conservado no psiquismo sob uma forma ou outra. Esse qualificativo de uma forma ou outra parece o mais importante pois ele promove o trabalho dos traços, e do enigma significante.

Essa noção de transparência coloca o problema do abrigo, do espaço íntimo, da elaboração psíquica, como imperativo absoluto. Compreende-se também essa forma de aliança entre o fenômeno identitário e essa aspiração à transparência na

qual a identidade vale pelo tudo, na qual um significante último geralmente reduzido ao signo interrompe a cadeia significante e entretem uma ilusão de identidade.

D – A ADEQUAÇÃO

Originária de uma aliança entre o discurso da técnico-ciência com, de uma parte o jurídico e de outra os imperativos econômicos, a política da adequação joga sua rede em vários domínios.

Se os comportamentalistas, os sistêmicos, os farmacólogos, todos muito felizes de suprimir os sintomas se acomodam desta tendência, para os psicanalistas ao contrário o sintoma será sempre uma metáfora e, ele não se suprime, ele se desloca.

Que a inadequação seja o princípio da psicanálise, é o que desenvolverei em termos teóricos posteriormente, eu gostaria primeiro de lembrar que não somente nos Estados-Unidos, mas frequentemente na França, tratam-se as crianças instáveis psicomotoras com um psicotrópico, a *ritalina*.

Nesse contexto, eu gostaria aqui de evocar uma hipótese que poderia permitir de evitar esse curto-circuito da palavra na medida em que o enquadramento da palavra ou seja a linguagem seja protegida.

Essa hipótese nasceu do encontro de um casal de pais cuja instabilidade do filho existia manifestamente devido à ausência de um abrigo, refugio e apoio que constitui a linguagem quando a palavra não é o objeto de uma destrutividade que age o ódio de um pai pelo outro ou vice versa . Efetivamente, quando há ódio demais, quando a palavra de um é sistematicamente contestada pela palavra do outro, quando os referentes são atingidos, resta à criança somente de se agitar, porque as palavras são carregadas demais de tensão para que se possa ter confiança e para que a criança possa se acalmar. Ora na prática quotidiana essa situação é frequente e deveria temperar toda paixão à querer suprimir os sintomas, em particular em relação às crianças nas quais a variedade do sintoma entre pais e filhos é um dado essencial porque vem confortar uma ordem grotesca que seja médica, farmacológica ou familiar. Teremos então atingido o pior e infelizmente esse é o resultado da adequação nos seus efeitos mais quotidianos.

Aliada da adequação mais igualmente da ordem é também essa paixão do tempo real onde o gozo esgota o desejo porque ele o precede e o desconsidera.

Hannah Arendt já tinha observado, no seu ensaio sobre Adolphe Eichmann, que a técnica se opõe ao semblante. Como não se ver nisso uma ameaça para a psicanálise, que ao contrário tem necessidade de um semblante e que tem necessidade de construir os sintomas precisamente para os desfazer.

Em realidade, face à esse mundo do mensurável e da adequação, a busca do desejo do homem é contrária à toda racionalidade se não se tem medo demais e se aceitamos de nos colocar à escuta desse desejo.

Desde suas primeiras tentativas, em vista de uma elaboração teórica da sua experiência, Freud afirmou que o objeto do desejo inconsciente, é um objeto fundamentalmente perdido, fundamentalmente como o faz remarcar Mustapha Safouan, ou seja não lá onde o procuramos e certamente fora do campo da percepção. Ora, não é tanto o objeto da primeira satisfação que vem faltar, mas a percepção da sua ausência, ou seja a perpetuação da sua falta, que está no coração de todas as tendências humanas, e por consequência, não é sob o título de uma simples lembrança do traço mnemônico do dito objeto que se atisa a pulsão, mas sob o título da delimitação na qual toma forma um certo vazio. Ora, face à esse vazio é nossa tarefa transformar no trabalho analítico o vazio à *obra*.

E restituindo ao sujeito, não à exaustão de tudo o que compõe ou compôs sua história, mas restituindo-lhe esse vazio como condição de emergência, como obra à efetuar, como messianismo do sujeito fazendo-lhe, de alguma maneira experimentar a estrutura pelo que ela é, que funciona a psicanálise única no seu método.

O futuro da psicanálise reside na capacidade à manter outro discurso, confrontada que ela é às distorções da modernidade e a esses quatro critérios que eu acabei de descrever, a fragmentação que coloca em evidência a questão do sujeito, a dissociação que coloca o problema do referente e da simetrisação dos lugares, a transparência que coloca o problema do grande Outro e a adequação que coloca o problema precisamente do objeto pelo que ele é em psicanálise. Confrontado à esse problema da adequação, eu poderia simplesmente lembrar a

distância que Freud sublinha a satisfação procurada e a satisfação obtida como prova e experiência da inadequação no humano ou ainda como prova do humano.

II – ELEMENTOS DA ESPECIFICIDADE DA PSICANÁLISE

Acentuando agora o ato psicanalítico e os sintomas tais quais encontra-se na psicanálise, eu gostaria de dar um exemplo clínico necessariamente condensado, mas que se quer precisamente didático, da maneira como funciona esse vazio à *obra*.

Seja um paciente que evoca em um primeiro tempo a demissão que ele decidiu recentemente após semanas e meses de desconforto em seu trabalho, em seguida após um certo tempo ele volta sobre seu gesto sugerindo que essa demissão foi talvez um enorme capricho. Entre esses dois tempos de enunciação, uma elaboração se fez que permite uma nova posição subjetiva ; ou seja, o trabalho de reminiscência veio por sua vez revelar um sintoma (capricho) e desencadeá-lo. Pouco à pouco, esse paciente vai evocar sua relação com seu pai e sua situação de último de uma família de seis com uma diferença de idade que sempre lhe pesou. Ele se lembra agora de ter sido colocado frente às situações prontas e de ter procurado se impor por seus caprichos ; em suma, ele mesmo vai construir um sintoma onde havia somente um enunciado.

Trata-se de um exemplo evidentemente simplíssimo mas que se quer didático. Não somente a reminiscência revela aqui como sempre a insistência do Outro e a dependência na qual ele prende e envolve o sujeito, mas ainda o fato que o sujeito possa interpretar ele mesmo como capricho aquilo que antes era ainda ignorância, revela que havia gozo inconsciente na sua posição e permite de precipitar esse gozo (da mesma maneira que os químicos !) e de liberar assim um lugar ou um vazio ou ainda uma vaga cuja vacância deve agora servir diferentemente.. Tal é o vazio à *obra*. De uma maneira geral a psicanálise procura desesperar o gozo inconsciente e constrói um « pat » de sua efetivação sintomática (como se diz no jogo de xadrez) ; à partir daí, as coisas não podem ou podem menos se reconduzir como antes e é aqui, entre outras diferenças, que a psicanálise se distingue da medicina que procura ao contrário à reconduzir ao estado inicial. Na realidade, a psicanálise se revela ser um trabalho de paciência aos antípodas da

moderna eficacidae cujo objetivo é de re-sexualizar a existência (amar e trabalhar pode dizer FREUD) no lugar precisamente deste vazio e do que poderia ser conquistado sobre o gozo inconsciente do sintoma.

Pode-se ir mais longe na definição do ato analítico lembrando a arte japonesa do origami que consiste sem jamais cortar, dobrar o papel tentando dar-lhe forma.

E assim que a psicanálise poderia ser concebida como a posição em tensão de dois psiquismos, o do paciente e o do psicanalista, de tal sorte que nas dobras da palavra do primeiro (dobras à fazer ou à desfazer) responde uma formação do inconsciente particular ao analista do qual pode-se dizer, desde então, que ele está incluso no processo. Formação do inconsciente que Lacan resumiu sob a entidade « desejo do psicanalista ».

Um sintoma isso pode se considerar como uma dobra, e o verbo desdobrar, que é frequentemente utilizado pelos analistas como uma maneira de relançar a enunciação, testemunha. Digamos provisoriamente que dobrar Outramente, poderia ser uma definição da psicanálise.

Face à esse mundo inquieto do mensurável, inteiramente dedicado ao culto da adequação tendo já largamente imposto sua fragmentação, como procede a psicanálise ? Como se pode apreender esse idéia, que por minha parte me serve à avançar, que nos podemos certo prescrever um psicanalista mas como fazer para prescrever um psicanalista enquanto que ao mesmo tempo nos não podemos de maneira nenhuma prescrever antecipadamente uma psicanálise ? Tal é o limite da posição analítica. Ou seja, não há saber anterior ao encontro analítico, mesmo se por outro lado os conhecimentos são necessários, não há predizibilidade ao que vem à ser uma psicanálise, é ainda aqui um ponto de fragilidade em comparação com outras técnicas e é o que faz aqui ainda a separação com o mensurável.

Tudo o que implica os sintomas desta modernidade entra em ressonância negativa com o que é análise, o que não quer dizer ao contrário que falhe adotar posições retrógradas ou securizantes que riscariam de construir ou de se apoiar excessivamente sobre uma causalidade externa enquanto que a psicanálise deve repatriar a causa ao interior mas, discernindo essas diferentes ocorrências, trata-se para os psicanalistas de fazer prevalecer, parece-me, o único lugar e sem equivalência que representa a disciplina em relação com a transmissão e isso vai bem além das curas propriamente ditas. É claro que no debate com as psicoterapias

que não recusam, e por causa, de entrar nos critérios da adequação, a psicanálise perderia sua alma fundindo nos mesmos critérios.

III – INTIMIDADE E MODERNIDADE

Em continuidade com as quatro pragas da modernidade, poderíamos nos interrogar sobre essa tendência, americana em primeiro lugar, à tratar o íntimo, o espaço privado à grandes esforços de transparência como se a verdade do humano pode-se apreender pelo visual ou pela confissão. Ora, além da perversão que poderia abrigar esses reality-shows parecem querer instalar a crença ao comportamento pelo que ele é à identidade tal qual ela é apresentada. Ou seja, procura-se a adequação lá onde ela é impossível sempre procurando objetivar o que é impronunciável ; confunde-se indivíduo e sujeito privilegiando os signos ao detrimento de uma palavra viva. Breve, em linguagem popular isso consiste à nos fazer tomar gato por lebre. Como compreender diferentemente essa emissão portanto divulgada sobre a cinco onde os homens nus falam da sexualidade e de seus sexos. Onde está o enigma, o semi-dizer da verdade no qual fala LACAN, ou seja esse impronunciável proprio à linguagem como lugar da experiência e da transmissão do humano.

Na realidade a psicanálise é o único lugar que preserva a transmissão dessa erosão do simbólico e da significação porque é o único lugar que faz da sexualidade tal qual ela foi pensada por FREUD a condição do seu despertar. Eis aqui um exemplo descrito de maneira condensada :

Foi no pânico, na pressa e na angústia que seguiu uma relação sexual com uma prostituta que Paul se apresentou à mim. Eu vim saber mais tarde que não é a primeira vez que ele foi questionar uma profissional, porque esse é o sentido da sua ação, questionar primeiro. Ele se sente efetivamente menos atraído pela relação sexual que ele falha sistematicamente, constatando amargamente sua impotência, que pela sua preocupação de sempre : há um sexo de tamanho normal, palavras que ele repete à vontade e é possível que alguém possa enfim tranquilizá-lo sobre essa questão ?

Se eu transmito alguns elementos dessa análise, é também porque a transmissão, tal qual a psicanálise a concebe é precisamente colocada à mal por essa modernidade que parece querer fechar a porta à todo entedimento que não passaria pelo demonstrável e finalmente pelo visual. Mas para os psicanalistas, o debate é bem presente, não se atingiu um nível de besteira infinito nessa redução do entendimento ao comportamento somente.

O discurso da análise resgata aqui um outro nível de preocupação que, em ocorrência com esse paciente, vem à fazer da demanda o lugar de uma dobra porque a análise não se ataca diretamente aos sintomas, ela deixa se desdobrar vários envelopes que são tantos caminhos possíveis, de dispersão, de dobras precisamente que o paciente experimenta antes que o despertar se efetue.

Um pouco mais tarde, quando ele está próximo de ser pai, esse paciente fará o seguinte sonho : ele toma um café da manhã com Mitterrand e Mazarine no apartamento que foi aquele da sua infância, à Chartres. Tendo livrado esse sonho, ele vai associar sobre uma sugestão que eu lhe faço um caráter fora da norma (..) desse sonho, dizendo que com ele próximo da sua mãe tudo era fora da norma.

É evidente que haveria muito à dizer sobre esse sonho quando procura-se à associar a demanda inicial ao sintoma e portanto parece-me que o essencial é impronunciável e dá sentido à um outro nível de categoria porque eu tenho de qualquer maneira a impressão que sonhar que o Presidente lhe traz sua filha no café da manhã deve ter algumas relações com a significação fálica !

Esse paciente é filho único e fugiu do domicílio parental por volta dos dezoito anos, tanto que ele não suportava mais o ambiente que reinava. Eu posso dizer que, devido à loucura da mãe, cujo sintoma lisível através do ele dizia é que ela não jogava nada fora, nunca, ao ponto de ter acumulado um briquabrique impressionante ; figura do incastrável ? Despertar de um entendimento ainda impronunciável ?

Várias semanas ou meses depois, uma ligação se fará entre o discurso da mãe, que sempre o diminuía (..), sempre lembrava reduzindo-os (..) as origens camponesas da família e o fato que ele não pertencia aos grandes (..) desse mundo.

Encontra-se aqui uma concepção lacaniana da identidade e do sujeito quanto à considerar que um significante representa o sujeito por um outro significante o que

da matéria à que um pouco de gozo inconsciente precipita entre o discurso da sua mãe, seu sintoma e o sonho.

Assim vai a psicanálise, quando esse gozo inconsciente pode ser detectado e interpretado é a disponibilidade que se contabiliza levando em conta o fato que será mais difícil de reconduzi-la, mesmo se a análise procede não de uma só vez, mas por caminhos sucessivos. Por outro lado, o saber do psicanalista é particular, efetivamente a psicanálise não se aprende e seu saber é não homogêneo ao saber dispensado nas universidades, totalmente heterogêneo ao saber que decorre das técnico-ciências. Porque, abordando uma questão entre outras, o sujeito é objetivável ? Ele não é ao contrário isso que por delegação corre de um significante ao outro e se apresenta como curioso da palavra ao abrigo ou à espreita da escuta analítica.

Ou ainda o que permite aos analistas depois de Freud de pensar a sexualidade, de discernir na clínica seus avatares, seus sintomas ? Também não é esse significante não especularisável, absolutamente não objetivável, único significante que se significa ele mesmo, o falus ? Tal é a fragilidade da psicanálise porque ela trabalha seus materiais com os conceitos que, para estar na linguagem, não são menos impronunciáveis tanto eles abrem à um despertar cujo inconsciente tem a chave.

CONCLUSÃO

Regrupando as distorções da modernidade e da pós-modernidade em torno dos quatro sintomas : a transparência, a fragmentação, a dissociação em uma política global que procura absolutamente à tornar as coisas adequadas, aparece que essas distorções formam entre elas e por somação dos seus efeitos um tipo de conjuração que atinge as funções de transmissão da linguagem.

Eu tentei mostrar quanto o método analítico se opõe ponto por ponto à essa forma de conjuração em torno da palavra e da linguagem que minam seus efeitos e diminui o alcance. Jacques DERRIDA lançou uma reflexão sobre o *sem alibi* da psicanálise, ou seja o lugar nenhum da relação analítica nessa intimidade que não tem nada de uma transparência onde se elabora o futuro, ou seja, apesar da fixação

ao sintoma, um além do sintoma. E por essa orientação que a psicanálise com a idéia freudiana de se transformar retoma a dimensão messiânica do sujeito, dimensão que foi trabalhada por vários autores pelo que é do homem eu penso à Walter Benjamim, André Neher, ou mais próximo de nos Shmuel TRIGANO ; eu tomo para minha conclusão as categorias que esse autor tentou distinguir no plano filosófico porque elas podem, com efeito, aplicar-se ao sintoma, que se trate de errância, de desenraigamento ou do exílio.

A errância seria então de identificar o sintoma à um sintoma social, o que se entende na apelação toxicomano, anorética, instável ou ainda depressivo. A errância é o destino designado quando o campo do Outro não é ou não quer ser levado em conta. Ou seja, o social paraliza onde a psicanálise ao contrário coloca em movimento.

O desenraigamento poderia corresponder ao contrário ao interminável na análise, no sentido onde o Outro existe demais, ou sua presença insistente é de qualquer maneira uma proteção contra a dor nostálgica do sintoma.

Enfim o exílio metaforiza como pode o que procura um trabalho analítico onde o sujeito coloca-se em busca de uma habitação apesar da privação de toda residência, além, por consequência, da residência do sintoma, além ou por causa do pat que eu descrevi acima. En termos freudianos, advir visa um futuro que vai durar o quanto durar (em termos de mudança do sintoma) o tudo deixando o traço da cura.

GUY DANA